

## Conto:

# Um médico no Velho Chapecó

Pues, foi isso, paisano! Como le contaram, travei conhecimento com o Doutor Rolando Macanudo há muitos anos já passados. Isto se deu em uma estradita, lá nas bandas do rio Sargento, quando aquilo era, ainda, um grande ermo. Eu vinha de São Miguel do Oeste e, rumbeava para o município de Saudades, cavalgando ao tranquilo no meu gateado e, levando comigo um tobiano, de reserva. Eram dois cavalos de entera confiança e, se entendiam buenamente, como dois hermanos. Com eles eu participara, naquela cidade, de um baita do rodeio crioulo, fizemos um fachadão, ganhando buenaços prêmios e estando, por isso, com a guaiaca gorda de rica. Resultou que, depois de churrasquear como um rei, lá no dito rodeio, fui festar, enchendo a cara nos bolichos e, na manhã seguinte, depois de uma semana de ausência, rumbeava de retorno ao meu ranchito lá no Tigre, pues, não via a hora de cair nos braços da amada prenda e, da piazada que, como eu, deveriam estar saudosos. A jornada que tinha pela frente, era para lá de comprida, pero, la venceria em pouco mais de um par de dias. Pues, foi entonces, que Dr. Rolando e eu nos topamos, naquele ermo. Le conto, paisano, como aconteceu o sucedido.

Lembro que a manhã estava alta, beirando las onze horas. Era um dia de céu limpo, hermoso e, a luz do Sol banhava firme as matarias que, como o patrício recorda, naquela época, antes da chegada das madeireiras, aquilo tudo era um verde só, gostoso de se ver e, de se cheirar. Agora, é aquela piedade de terras desmatadas, para o plantio do milho e a criação de porcos. Se trocou a beleza pela riqueza. Pero, bueno, como dito, eu ia montado no meu gateado e, foi só entonces, que o grande mal estar, resultante do exagero de véspera, nas bebanças e nas comilanças, parecia querer cobrar o seu preço. Eu me iludira, achando que ficaria bueno em pouco tempo. De fato, acordara disposto. Verdade, que até me sentindo meio empachado, pero, ainda pude tomar umas cuias de chimarrão com gosto e até comer umas bolachas, que desceram buenamente. Daí, pegara o rumo da estrada e, ganhara o mundo, pero, agora, a miles de distância de qualquer povoado, em pleno ermo, empecei a me sentir mui malecho. À la putcha, patrício, me sentia ruinzito mesmo! Me doía o estomo e, minha cabeça girava zonza, como que se estourando. Me sentia, no mais, mui flaco, assim, como gaúcho velho que junta os trapos com china nova. Na conjuntura e, ainda cavalgando, resolvi apelar para os meus santos Sebastião e Roque, que acodem na certa e, resolvem esse tipo de males físicos, pero, nem reza das brabas me trouxe qualquer alívio. Foi então que entendi que, pesteadado daquele jeito, carecia de achar um pouso, onde pudesse tentar me recuperar, no menos, por um sono tranquilo. Qualquer cousa me serveria, simplesita que fosse. Na minha dura condição, mesmo uma tapera me cairia buenamente. Sabia que não poderia seguir viagem, antes de uma buena melhora. Já não me aguentava sobre o pingo. Foi nesse ponto, bombeando um pouso qualquer, que na margem derecha topei com um pequeno campo limpo e, em cuja borda, pertito da estrada, havia um pé de canela-guaica, solitária, bem copada e, sobretudo baixa. Entonces, pensei: abençoado costume dessa árvore, de crescer nos descampados! Não contei tempo e, me arresolvi de fazer parada ali mesmo, lugar para lá de buenaço, chão limpo, com um capim ralo, onde poderia me ajeitar, sem risco de colubras e de aranhas e, com tal árvore me oferecendo uma sombra mesmo de mi flor. Mas, bah! Eu sabia que em meio aos pinheiros, naquelas bandas, vez por outra se encontra uns campinhos nativos, como era o caso de

Campo Erê, pero, topar com um deles ali, pequenote que fosse, me parecia um favor dos meus santos. No mais, paisano, vi que do mato pertito corria uma fresca sanga, que justo cortava pelo descampado, não distante da canela-guaiaca. Aquele pouso me chegou bem na hora, tchê! Só poderia ser cousa do Patrão Grande, que esse conhece tudo e, sabia como eu andava percisado de um repouso. Pues, como dito, foi ver tal árvore e, já fui boleando a perna, num vu, apeando do gateado. Nem parecia estar abombado, tchê! Num pensamento, saquei los aperos do flete, levei las duas montarias para dessedentarem na dita sanga, despois, amarrei suas rédeas num taquaral que havia bem pertito da canela-guaiaca e, depois de também lavar a cara e, fresquear a goela naquela água geladinha, fui logo estendendo los pelegos baixo à árvore providencial aquela, não vendo hora de neles, largar o corpo para uma boa dormida. Verdade que, o lugar não parecia nada seguro. A mataria era fechada em toda a região, o caminho estreito e, naquele ponto, em meio a curvas. Não se poderia ter visão do que viesse de qualquer banda por ela, como por dentro do mato. Pero, se surgisse algum tigre ou, outro perigo, mesmo algum hombre, los cavalos dariam alarme e, me acordariam. É de sua natureza. São animais que vivem trocando orelhas, dormem de pé e, como os quero-queros, ficam com meio olho dormindo e meio olho acordado. Pero, pelo sim e, pelo não, ante o risco de gente ou bicho calavera, deixei las armas emartilhadas e, bem pertito de minhas mãos. Assim, mui tranquilo, adormeci profundamente, no mais. Cuê, eu estava moído, pero, sabia que não poderia dormir muito. Não poderia passar a noite em meio à mata. Era perigoso. Los tigres caçam à noite. E, o sereno poderia me fazer mal. Havia que prosseguir viagem.

Quando dei conta de mim, o sol já tinha virado para o lado da tarde. Como carreta parada não ganha frete, me ergui e fui cuidar da vida. Antes de partir, porém, iria fazer um bom chimarrão, no mais. Armei a trempe, enchi a cambona com água da sanga. Tomando do meu isqueiro de guampa, dele saquei o fuzil e, com o tal golpeando a pedra-de-fogo, fiz saltar chicas faíscas sobre um chumaço de algodão, que enfiara dentre ramas e capim seco que juntara. Por premero, nada assucedeu, pero despois, foi brotando, assim, como que um brilhazito de chama; a seguir, se elevou do chão uma fumacita blanca e flaquita, pero, logo baitas labaredas alumiararam a cambona e aqueceram la água. Me fui nos avios e, não demorou um nadita, eu já tinha cevado um mate que, aliás, é remédio para o corpo e para a alma, perdendo, talvez, para um achego da morocha amada. Pues, estava assim, mateando ensimesmando, quando notei que algo chamara la atenção dos cavalos, pues, los vi escarvarem nervosos o chão e ficarem, assim, num inquieto trocar de orelhas, lá pertito da sanga... Que seria? Tinha já o berro no cinturão, pero, mergulhei na direção da Winchester. Nos ermos, não se brinca! Mirei em volta e, para las curvas da estrada. Nada! Daí, notei que os cavalos alçavam suas cabeças na direção de onde viemos. Apurei bem los ouvidos naquele rumo e, daí, sim, pude escuitar, na certeza, um distante rechino, assim, como sendo das buzinas de uma carreta que, despacito, vinha se aproximando, se aproximando, largando no ar os seus nheemm... nheeeemm..., como num canto lamuriento que subia e descia, subia e descia...

Para quem é nascido no Velho Chapecó, não deve de ser fácil ter ouvido, alguma vez, o gemido de uma carreta. É que esse carro crioulo, não foi muito trazido para cá, pelos colonos gaúchos. Acho que porque, era mataria demais e, também, porque los caminhões chegaram por premero. Aqui, não se carecia de carretas. Pero, para mim, que sou nascido lá no Quaraí, carreta era cousa de todos los dias e, cresci ouvindo os seus choros pela Campanha, mesmo, reconhecendo de longe muitas delas, por esse barulhão que fazem quando los seus rodados, pesando sobre o potente eixo de rabo-de-bugio e, variando nisso conforme cambiava la buraqueira do caminho, las rodas berravam em razão do atrito, largando um choro forte e, comprido pra mais de metro e que, aliás, acho gostoso e, me traz muita saudade do meu Rio Grande. Pues, bueno, le digo que, diante da chegada iminente da carreta aquela, patrício, esqueci-me até das dores e dos sofreres, me coloquei de pé num redepente, tapeei o chapéu e, postei-me ali, bombeando a curva da estrada, manjando lo horizonte, a ver quem, de tal modo inusitado, me estava alcançando na jornada, rumbeando em mesma direção.

Quem seria? Um carregador de cargas? Uma família? Hombrem solito? Apostaria ser gente buena, pues, é sabido que dentre los carreteiros, hay poucos ventas-furadas. Pero, o que faria uma carreta por ali, naquele lugar perdido do mundo? Será gente vinda do Rio Grande? Deve de ser, pensei, porque, aqui nesta bandas serão uma raridade. De fato, já tinha visto carroças e carroções lá nas bandas de Porto União, Canoinhas e São Bento, muitas delas fabricadas por lamões e, até conheci tais viaturas, pero, construídas pelos russos, quando trabalhei como domador de potros lá em Ponta Grossa, pero, aqui nesta parte de Santa Catarina, não as tinha visto, jamais. E, enquanto assim cismava, o berreiro da carreta já vinha com tudo e, não demorou demais, a tal virou a curva, ainda meio distante, vindo na minha direção. Agora, já podia tirar um tempo sobre o carro que ali vinha. Realmente, não se parecia com los modelos que conheci em Santa Catarina e no Paraná, pero, com aquelas fabricadas na região gaúcha de São Gabriel e, que são das mais usadas naquele meu Estado natal. Na bolea, se via o carreteiro, solito, pero, baixo lo toldo, poderia haver mais gente. E, lo ouvi, animado, apressando a los animais de tiro, aos gritos de: - *Éra boi! Éra boi!*

Fiquei cismando sobre quem seria e, o que fazia o vivente. Minha curiosidade se avivou ainda mais quando, já mui próximo o carro crioulo, pude notar que na tolda, alongada e, atirada sobre los fueiros, havia umas letras graudaças. Cuê! Que estaria escrito? Que seria aquilo? Circo de correntino? Naquelas bandas? Que pena, que não tinha meu binóculo! Fiquei aceso, acompanhando a chegada da carreta e, finalmente, quando estava já bem mais perto, pude ler, em coloreadas letras garrafais, margeadas de blanco e, postas nas laterais do carro, os dizeres: *Doutor Rolando Macanudo – Médico.*

- La putcha! - exclamei. Um médico!? Um médico aqui? Nestes ermos!? Pero, que coincidência feliz! Do jeito que me encontrava malecho, até uma parteira me cairia buenamente, naquele momento de desdita... E, eis que o Patrão Velho me envia um médico, um doutor de verdade, formado em faculdade, com diploma e, tudo a que tem derecho. Não morro mais! – exclamei aos quatro ventos. Isso, só poderia ser proteção dos meus santinhos e, do Patrão Grande! Realmente, uma forte gastura me cargoseava muito, desde a véspera e, meu estomo latejava, como se fosse dar cria. A cabeça, parecia haver ganho uma camaçada de pau. Cruzes! E, eu na estrada, sem recursos! Nem las coplas que recitei para São Roque e São Sebastião, me deram alívio, pero, pelo visto, me mandaram socorro de outra forma. Oigalê, patrício, quando a doença é das brabas, até os santos da mais estima, parecem ficar meio que perdidãos, atoleimados, pero, esses dois mostraram serviço. Pues, veja o patrício, agora justo topo com um doutor! Um doutor de verdade! E, o tal lá se vem na bolea, alto e forte, atarracado e, destorcido que dava gosto de ver. Era ele o reclame da saúde que oferecia. Já bem pertito, pude ver que trazia na cabeça, mui guapo, um chapéu de aba larga, que coriscava de novo e, que calçava botas e bombachas mui elegantes, artigos de mi flor, fazendo sua figura um fachadão. Devia ser médico de sucesso! No pescoço, um grande lenço colorado, revolteando ao vento, denunciava seus ideais e seu partido. Um libertador, um maragato como eu! Isso, era ótimo! E, que tipaço imponente, tchê! Acho que, tão somente a sua presença, já espantaria qualquer enfermidade. Quem o visse, diria ser um coronel, um patrão de estância grande, um hombre endinheirado, podre de tantas pilchas. Seria, pareceu-me, um doutor de um povo rico, não um medicozito molambento, de algum povito esquecido da suerte. Aquele tipo fachudaço, deveria ser um taita na profissão. Ninguém o daria por simples e humilde carreteiro. Enfim, estava decidido a abordá-lo, parando-o para uma charla buenaça. E, é claro, o consultaria sobre meus males. De sorte que, quando o doutor aquele ia passando com seu carro, ergui a cuia, com um mate de mi flor recém cevado e, ofertando-o, preguei o grito:

- *Lau-sus-Chri, patrício! Aceitarias partilhar la sombra e, um mate amigo?*

- *Laus-sus-Chri, índio velho! (Respostou). E, como negar a tal invite?*

E, apeando o tal da carreta e, aproximando-se no mais, mui à vontade, confiado como cusco de padeiro tratado a biscoito, fomos nos apresentando, mutuamente:

*- Esteja a gosto! Prazer em conhecê-lo! Sou João Trindade, morador no Tigre, município de Saudades, por profissão tropeiro e domador.*

*- Prazer igual, hermano! Doutor Rolando Macanudo, gaúcho de Paulo Bento, médico itinerante!*

Dito isto por ele, fiquei esquisitando. Errara na estimativa! Paulo Bento, era uma vilazita de nada. Ainda se dissesse ser de Erechim... ali, sim, era terra de futuro... rolava dinheiro... E, cismeio comigo: - Como poderia criar-se um médico com tal pinta naquele povoado miche? Depois, fiquei por ele mesmo sabendo que, nascido e criado em tal lugar, fora estudar em Porto Alegre, colara grau em Medicina e, montando um consultório ambulante, saíra carreteando com ele pelo Rio Grande a fora, clinicando de povo em povo e, pelas estâncias e campos. Depois, com a gauchada se passando para Santa Catarina, decidira vir atender aos colonos aqui, muitos dos quais, seus antigos clientes na terra gaúcha. Sua carreta era sua moradia, sua clínica e, também, seu chico hospital. Era novo e, solito, disse. Um dia, disse, juntaria los trapos com uma linda chirua que conhecera lá no Erechim, acharia a cidade dos seus sonhos e, então, montaria clínica e moradia regulares. Enfim, paisano, sesteamos juntos e, charlamos muito nessa ocasião. Travamos amizade, facilmente. Quando le falei que exagerara nas comilanças e nas bebanças e, que me sentia mui mal, quis logo examinar-me, fez-me entrar na sua carreta e, nela, para minha surpresa, vi que tinha um belo sofá-cama que era um luxo, no qual mandou que eu me espichasse e, sentado em uma cadeira lindamente envernizada, tomou-me o pulso, mediu-me a febre com um termômetro e, com los dedos das duas mãos, foi me apalpando la pança, sondando com grande agilidade. Seus dedos pareciam assim, como se fossem dançarinos, que realizavam um curioso bailado sobre a minha barriga e, ao final, deu seu veredito:

*- Sem dúvida, meu amigo! É um baitaço do empache! Ensuroaste o estomo! Nada, porém, que não tenha jeito!*

Dito isto, aproveitando-se de que eu já tinha a cambona no fogo, enquanto eu repousava no sofá aquele, o tal, tirando de umas latas avios de plantas medicinais, foi fazendo na água fervida uma chapoeirada, onde misturou porções de casca-d'anta, cardo-santo, erva-lucena e, sem pressa nenhuma, a preparou-me a preceito, com las três fervuras de lei e, uma vez tudo pronto a regou, fartamente, com cachaça da buena, porque de todos é sabido que la canha é la mãe da cura. Estando pronta, a foi deitando na cuia de chimarrão, onde algumas ervas já marcavam presença além do mate, como a carqueja, a laranjinha-do-mato e, o capim-cidreira, pois, não há melhor modo de se tomar uma chapoeirada, que na própria cuia de chimarrão. Foi assim, que mateamos de mano. E, o Dr. Rolando sentenciou:

*- Com essa tisana, caro amigo, vais ficar desempenado! Em poucas horas te limpará estomo, rins e fígado!*

Enfim, naquele começo de tarde, combinamos de seguir caminho juntos e, de pernoitarmos algumas léguas mais adelante, onde ele se lembrava de haver uma pousada buenaça, que eu não conhecia. Ali, disse, prosearíamos e dormiríamos a contento. Ele não disse um *comeremos*, pero, que poderia eu pretender? Dito isto, levantei acampamento, ateí las montarias na culatra da carreta aquela, que foi seguindo pelo estradão, ruim e empedrado, se indo ela assim, meio que trembleque e, nós dois, sentados juntos na bolea, seguimos hablando, proseando alegres, como duas caturritas numa

pitangueira, em tempo de frutos... Eu, já dava sinais de melhoras... Pero, com cerca de duas horas de jornada, Dr. Rolando se virou para dentro da carreta, sacando de lá um pacote, no qual, uma vez desembulhado, se podia ver algo, assim, meio que endurecido, pero, de buena aparência. Diante de minha cara de surpresa, foi dizendo:

*- É continuação do tratamento! Agora, é para curar a ressaca! É uma santa mistura de marcela com cipó peludo! O paisano vá mastigando, enquanto toma umas talagadas de canha!*

Provando aquilo e, virando la canha e, ainda mais por virar la canha, exclamei:

*- Deus do céu, doutor! Que cousa buena! Assim, até dá gosto enfermar!*

Passado um igual tempo, Dr. Rolando me fez o que julgara ser o arremate do tratamento, passando-me mais medicação e, dizendo:

*- Agora, amigo João Trindade, toma esta tisana, que te devolverá aquela força física que tinhas no rodeio crioulo, em São Miguel d'Oeste. Isto, é uma mistura de porva e pimenta. Já preparei na dose certa. Ponha no teu copo de canha, agite e tome tudo!*

Entonces, paisano, até fiquei na dúvida. Pimenta, ainda vai, pero, porva? Bueno, não sou de tirar o corpo fora. Entonces, virei de sopeto, num vu, aquela mistura para lá de explosiva. Patrício, le digo, aquilo me varreu por dentro. Me entrou pela boca, correu o corpo e, já me chegou no cérbero. Foi de efeito rápido, qual injeção na testa! Me senti forte, valente, um touro! Quando, um pouquinho depois, chegamos na pousada aquela, eu já era um outro. Nem ainda anoitecera. De pronto, la porta se abriu e o proprietário, Manuel Solano e, um seu filho já maiorzito, o Tião, vieram nos receber, gentilmente. Mostraram onde poderíamos estacionar la carreta e, o rapaz foi levando los meus cavalos, para la estrebaria nos fundos. Entonces, Dr. Rolando e eu desatrelamos las juntas da carreta e, o mocito, aquele, levou los bois para um cercado. Ele cuidaria dos animais. Era seu serviço. Quanto à carreta, dei um ajutório para o Dr. Rolando e, entonces, la apoiamos com los muchachos dos cabeçalhos e, com o da culatra, deixando-a bem equilibrada, no pátio a ela destinado.

Ao contrário do que se poderia imaginar, aquela pousada tinha bueno movimento. À noite, foi servido um farto jantar. O lugar era alegre. Havia uma música convidativa de guitarra campeira, tocada por um violeiro destorcido e, também, com outro músico, o belo e forte som de uma cordeona, que se abria como sorriso de china faceira. Nessas alturas, já me sentindo melhorzito, até arriscaria comer algum pedacito de costela, de picanha, pero, meu médico estava ali, para me aconselhar. Dei-le uma mirada fixa, com um misto de indagação e de imploro e, ele, lendo em meus olhos, foi dizendo:

*- Vá em frente, hermano! Quando o corpo pede, vá em frente! Pero, com moderação!*

Fui fiel a sua sugestão. Jantei, sim, pero, como um padre jejuando. Um pedacito disto, um pouquinho daquilo, não mais. Quando estava terminando, o filho do hospedeiro veio me trazer um platito, dizendo:

*- Preparamos-le! Ordens do Dr. Rolando!*

Examinei o conteúdo: uma generosa fatia de melão e, uma banana caturra. Ele estava certo. Los nacos de um bom melão, descem pela goela limpando tudo que é porcaria, os sebos, as gorduras e mais excessos e, a banana caturra faz um igual efeito. Já vi um paisano safar sua vida, só por passar uma semana entera, apenas comendo esse tipo de fruta. Enfim, depois de uma noitada alegre,

entonces, nos retiramos aos nossos leitos. Dormi como um anjo. No outro dia, acordei assobiando, ancho e faceiro, assim, como uma calhandra que encontra um varal cheio de charque para bicar. Los meus males se emulitaram, tchê! Eu já estava um outro!

Com esta viagem, ficamos amigos. Desde então, quando ele se fixou num povo, nos visitamos, mateamos de mano e, nos metemos em tertúlias, no mais. Enfim, trilhamos os mesmos caminhos. Com tal convívio, pude testemunhar muitos dos seus tratamentos, aprender algo do modo como curava e, até compreender alguma cousa das razões de seu sucesso. Dr. Rolando, era um baita do médico. Como clínico geral do interior, tinha que improvisar e, ponha capacidade nisso! Era um bicho, de esperto! Um sorro! Se fosse professor em Faculdade de Medicina, com certeza teria dado nó em muito figuraço da ciência. De fato, depois, descobri que, além de conhecer a fundo a medicina campeira, era o tal um baita médico dos modernos e, um magnífico cirurgião, desses de conseguir, fácil, botar no lugar um dedo decepado numa serraria e, de criar ligações nas tripas, onde fora necessário cortar partes delas. Isto, não era para qualquer médico, não senhor!

Bueno, patrício, foi num de nossos ocasionais encontros, que vi ele usar o que batizou *amor gaúcho*. Sei, sei, tu já conheces aquele outro *Amor Gaúcho*, o extrato perfumado, mui bueno para o banho. Pues, vivente, enquanto sorves mais um mate, te resumo la história. Só te cuida, que esse teu banquito tá meio guenzo. Pois, bueno, a cousa se deu assim: naquele tempo, no meu ofício, eu tropeava com peões sob meu mando, uma mulada, vindo desde uma grande estância lá no Itacoruvy, em terras de São Borja, levando-a para compradores de uma fazenda em Passo Borman, aqui em Santa Catarina, quando, já pertos de nosso destino, alcançamos na estrada la carreta do Dr. Rolando que, saindo só Deus sabe donde, conduzida pelo médico, ia em mesma direção. Cheio de alegria, preguei o grito e, boleando a perna, ataquei-o para uma prosa e, um mate buenaço. Ele estacou e, ficamos proseando. Combinamos, entonces, fazer uma parada. Daí, pedi ao peão Mané Ventura que desse um alce pra mulada, que mesmo carecia de se aguachar e repousar e, disse-lhe que, depois de encarregar um peão de fazer isto, nos alcançasse na estrada, que iríamos sestar um pouco mais adiante, na estância do Zinho Tinoco, onde a gente havia mesmo de falhar na jornada, que aquele era o único pouso que merecia esse nome e, era lugar onde, eu sabia, havia potreiro disponível. Feito isso, entonces, amarrei o meu gateado – sempre ele - no recavém da carreta aquela e, segui junto com o Dr. Rolando, sentados na bolea, charlando das cousas da vida. Pero, patrício, quando de longe avistamos a casa do Tinoco, já notamos que havia algo ali de deferente. Muita gente do lado de fora e, na estrada. Festa, não seria, que para isso, o velho sumítico era mesmo muito mão-de-vaca. A cousa cheirava a moléstia grave ou - livre-nos o Patrão Grande! - até a velório. Bueno, pues, quando los da casa perceberam que a carreta era a do doutor, dois hombres saíram disparados ao nosso encontro, gritando em desespero:

*- Acuda, doutor! Acuda, que mamãe tá muito ruim!*

E, assim, foi num clima de dor e de tristeza, dentre lamúrios gerais, que amarrei meu pingo num moirão perto da casa. Do lado de fora, Seu Tinoco pranteava que era uma manga d'água. Toda a família e, os mais da casa, peonada e vizindário, ali choravam. O pranto do Seu Tinoco, inda que mal comparando parecia, assim, como o choro de um porco, no instante de ser sangrado e carneado. Rodeando o médico, os filhos foram lhe dando uma saraivada de detalhes. Há dias, disseram, que a senhora sua mãe não se levantava. Pior! Não falava e, não comia. Mesmo, não enxergava e, respirava mui flaquito, mui flaquito. E, gritavam e choravam:

*- Ela vai se passar, doutor!*

Deixando-me fora com os da casa e os mais, então, o Dr. Rolando Macanudo entrou na moradia e, sozinho – como pediu -, se dirigiu ao quarto da enferma. Ali, era uma escuridão só: último e sagrado pedido da enferma. No seu reduto, não queria saber de luz. O médico acendeu o candieiro e, botou um olhar compridaço na doentinha. Viu que mostrava-se a tal como que anestesiada, paralisada. Tomando-le o pulso, levantou os olhos pro teto e, foi contando os embalos do sangue. La pressão estava até buena, mui buena – disse-me depois -, considerando-se a idade e, a desnutrição dos últimos dias. Mulherzita forte, esta! - pensou. Sacudida! Tem saúde para puxar arado. Sorriu, matreiro. Daria uma rasteira nessa artista. Pero, precisava de ter certeza de que era doença fingida, para despertar tristeza e, sentir-se cercada e amada. Pero, como? Entonces, sacaneando, fez dançar a luz do lampião na cara da matrona, na esperança de que esta acompanhasse o forte lume ou, mesmo, desviasse o rosto para evitá-lo, pero, nem bolacha! A senhora aquela, aguentou o rojão, com os olhos mais parados que sariguéia se fingindo de morta. Pero, era fingimento, cismou ele. E, ela era das boas nisso! Entonces, sacou do bolso um canivete e, com ele aberto, cutucou a sola do pé da mulher, assim, no mais e, de sopeto, pero, a tal aguentou soberbamente o tranco. A velha não era de abrir o jogo. Durona, não deixou escapar mesmo um solito “ai!” - *Uma injeção!* - disse ele, em voz alta - *Vou aplicar-lhe uma injeção! É muito doído, pero, é cura na certa!* Em seguida, deu tenência no seu rosto, iluminado pelo candieiro. A senhora, porém, velhaqueava. Não dava sinal de vida. Pero, entonces, nos seus olhos paraditos, o doutor pôde perceber um arzinho de contentamento. Ela queria padecer. Queria que tivessem pena dela. Porém, resolveu-se a fazer ainda mais um teste. - *Vou preparar a seringa!* - disse ele, dirigindo-se à mesita - onde largara sua maleta preta. Deu uns passos, pero, matreiramente, meneando um pouquinho a cabeça pôde notar, claramente, que a enferma, embora dura com o corpo, o acompanhara com os rabos dos olhos. Caminhou noutra direção do quarto e, a doentinha seguiu novamente os seus passos, com um olhar disfarçado. Danadita! Pensou ele. Os reflexos oculares estavam normais. Era tudo uma trampa da senhora, para assustar a família, convenceu-se. Uma frescura, dessas tais carências afetivas, mania que – disse-me depois -, um tal Dr. Froide andava esparramando nas Oropa e que, pelo visto, já estavam arribando até aqui, neste ermo do Velho Chapecó. Até admitiu que era um brabo caso de histeria, disse-me depois, pero, também acontecia desses histéricos serem caprichosos, imaginosos e arpistas. A mulher, aquela, simulava enfermidade que não tinha, tão somente para despertar dó da parentada. Dr. Froide diria que era vítima de uma carência afetiva mui cresçuda, falta de amor e, até - benza Deus! -, falta de sexo. Verdade que ele, Dr. Rolando Macanudo, para tais casos recomendava, sim, o amor, pero algo que ele criara e que apelidara de amor gaúcho. E, essa era a terapia que iria aplicar, para o caso. Daí que, saindo para fora do quarto e, dirigindo-se aos da casa, disse:

*- Gente, o caso é brabo, pero, les garanto! Dona Clemenciana não vai defuntear! Sei como dar um jeito nesse mal e, ela vai estar falando logo, logo!*

Dito isto, puxando-me o tal pelo braço, disse:

*- Careço aqui de dois hombres parrudos e destorcidos, que o tranco será feio! Quero tu e o Mané Ventura! Nada de parentes!*

A seguir, entrou na carreta. Do lado de fora do rancho, o povo chorava rezava que dava dó! Dr. Rolando demorou pouco e retornou trazendo uns tarecos. Entramos los três na casa. Antes de passarmos ao quarto, ele nos segredou, hablando baixito. Mandou-nos que, a um seu sinal, manoteássemos com firmeza a doentita pelos braços que, da cabeça, cuidaria ele. E, nos recomendou: – *Não larguem, nem que a vaca tussa! Se carecer, garroteiem las pernas, também!* Dito isto, em seguida, tomando de um chumaço grande de algodão embebeu-o, fartamente, com um misterioso líquido e, com um sorriso velhaco na cara, fez sinal para a segurarmos e, ele próprio, agarrando-a com a canhota pelos cabelos, com a mão livre enfiou-lhe o tal chumaço nas ventas. Tomada de susto e, por

aquela cousa no nariz – que, percebemos, era para lá de malcheirosa -, a velha como que endoideceu. Não contou tempo e, começou a jogar a cara a torto e a direito, esperneando e, tentando quebrar o corpo e dar braçadas, no maior do desespero, pero, nós três ali, firmes a prendendo ao leito e, não a deixando escapar e, nem livrar a fuça, porque o Dr. Rolando Macanudo, acompanhava-a nos seus meneios de cabeça, de modo que a coitada não se livrava daquilo que a atormentava. Vez por outra, o Dr. Rolando lhe dava uma chica vaza e, então, ela espirrava, adoidada. Ele tornava ao ataque e, ela redobrava de violência, pero, nós nem aí que, ordens são ordens. Manoteamos para valer. Então, a tal senhora, largando do mutismo e, porque Dr. Rolando deu-le u,ma folga, por premero uivou como um lobo guará solto na noite, depois, berrou e, gesticulou como bugio acossado por tigre. E, nós dois ajudantes ali, firmes que nem moirão de angico! E, finalmente, quando o doutor deu-lhe mais um pequeno alce nas ventas, a tal, entonces, acabou se rendendo e, botando a boca no trombone, gritou desesperada:

*- Chega! Me larguem! Já tô curada, seus fio da mãe! Me larguem, pelamor de deus! Me soltem! Me deixem! Quero me levantar!*

Ouvindo isso lá de fora, Seu Zinho Tinoco, a filharada e mais parentes, irromperam pelo quarto, como um furacão, felizes e gritando, enquanto abriam a janela e deixavam entrar a luz:

*- O doutor salvou a mamãe! O doutor salvou Clemenciana!*

E, lo rodearam e abraçaram, como se fosse um deus. A ele e, a Clemenciana que, nestas alturas, apesar da cara apavorada, já estava de pé como se nunca tivesse estado enferma. E, os da casa agradeceram também a nós, seus auxiliares no tratamento. Pero, já saíram correndo, atrás da esposa e mãe que, braba que nem cascavel protegendo os filhotes, se fora à la cria. Aquela, foi uma cura completa e rápida. Depois, aquela senhora reapareceu, já asseada, bem vestida. Até ajeitara um belo coque na sua loira cabeleira. Sentou à mesa, comeu, proseou. Até riu. Só não poupava a nós três, com seus xingamentos.

*- Seus maluco! Quase que me mataram de susto!*

Seu Tinoco queria que ficássemos por ali alguns dias, hospedados na casa-grande, pero, nós tínhamos serviços a cumprir. Pero, Dr. Rolando aceitou. Ficaria pouco mais por ali. Nem teria como recusar, eu penso. Quanto a mim e, meu companha Mané Ventura, porém, preferimos ficar no galpão, com a peonada da fazenda e, no dia seguinte, após tomarmos bueno café, nos fomos. Pero, ainda pudemos ter a alegria de ver Dona Clemenciana envolvida com seus afazeres da casa, parecendo mui despachada. Com certeza, Dr. Rolando le deu alguma maravilhosa chapoeirada, daquelas que me levantou lo ânimo, nos ermos do rio Sargento. Ao despedir-me do Dr. Rolando, le indaguei, curioso:

*- Pero, diga-me, vivente, que é que tu enfiaste nas ventas da pobre mulher?*

E, ele me respondeu:

*- Pois olha, patrício, saindo do quarto eu, apesar de convencido de que, mais que histeria, era aquilo um baita fricote da velha, mesmo assim, resolvi seguir los preceitos que los psiquiatras aconselham para uma tal frescura. Sabia que a terapêutica, na histeria, hay de ser rica e variada e que, por vezes, era muito útil a medicação desagradável. Está lá, nos tratados! Daí, entonces, fiquei escorujuminando: o que posso aplicar nela, que seja bem desagradável, soltando-lhe os sentimentos e a fala? Claro que não iria dar na velhota um chá-de-casca-de-vaca! Um rebenção, poderia matar a coitadinha, apesar de mostrar-se rija como pé de guajuvira. Foi daí, que me lembrei que trouxera,*



*na carreta um vidrinho de amoníaco líquido. O cheiro é horrível. Não tem cristão aguento. Amoníaco em pó, em sal, dá o mesmo efeito, pero, o hidróxido de amônia facilita a aplicação. Entonces, pensei: e, porque não aplicar amoníaco nas ventas da infeliz? Tinha carência afetiva? Estava histérica? Carecia de trato amoroso? Entonces, que ganhasse essa terapia, que resolvi apelar de amor gaúcho.*

*- Pero, Dr. Rolando – le disse – e, se a velhota tiver uma recaída? Não devia passar receita?*

*- Pues, foi isso mesmo que o Zinho Tinoco me indagou, ainda hoje. Entonces, le recomendei que, para evitar isso, que Clemenciana deveria receber muita afeição, muito carinho, pois, disse, la histeria é uma enfermidade que se cura, em geral, assim, engambelando-a com muito amor e atenção. Da família e dos amigos. Receitava apenas gambelo. Muito gambelo. Pero que, se ainda assim houvesse recaída, era só dizer que, para o causo, iriam me chamar para repetir o tratamento. Só essa ameaça, com certeza, a poria curada. Não quereria, jamais, segunda dose de amor gaúcho.*

Dito tudo isto, paisano, penso que aquela minha braba oração desesperada, naqueles ermos do rio Sargento, aos santos de minha devoção e, que cuidam dos males do estomo - São Sebastião e São Roque -, foi ouvida, por eles, sim senhor! O encontrar na beira do caminho, que seguia cortando mato fechado, um lugarzito buenaço como aquele, para fazer uma paradita, o ser alcançado pelo Dr. Rolando Macanudo, naquela extradita perdida, se indo ele no mesmo rumo que eu e, conduzindo baita e mui pesada carreta, puxada por três juntas de bois, não pode ter sido mera coincidência. Aquilo, patrício, foi mesmo intercessão dos santos! Foi um milagre divino!

\*\*\*\*\*